

ECOS DE CACIA

SEMANÁRIO INDEPENDENTE DEFENSSOR DOS INTERESSES DA REGIÃO DO VOUGA

Redactor principal: ANIBAL CRUZ

Depois do pão a Educação é a primeira necessidade do Homem. Danton

REPRESENTANTE
Em Lisboa
Anibal Cruz
Representantes em Lisboa, F. da Foz, Aveiro, Azurva, Povoa, Eixo, Oliveirinha, Bousucosso, Esgueira, Mataduchos, Taboira, Estarreja, Espinho e Angeja.

Fundador: J. J. NUNES DA SILVA

ASSINATURA

Ano, série de 50 números 20\$00
Semestre, série de 25 números 10\$00
Estrangeiro, ano 50 números 50\$00
Brazil e Colonias 30\$00

Proprietário-Director e Administrador

José Marques Damião

Filiado no SINDICATO DA IMPRENSA PORTUGUESA

Redactor e Editor

António da Costa Pinto

O MAIS DESENVOLVIDO NOTICIÁRIO DE TODAS AS TERRAS DA REGIÃO

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS

Rua da Paz—QUINTÃ DE LOUREIRO

(CACIA)

Não se aceitam originaes contra a vida particular de qualquer individuo

Jantar de Homenagem

Um grupo de amigos do nosso colega António da Costa Pinto, ofereceram-lhe, pela ocasião do seu aniversário, um lauto jantar, na afamada casa Luiz da Costa, sita na Praça do Peixe.

São estes jantares de confraternização, os que mais vincadamente calam na nossa alma, as passagens mais deliciosas da nossa vida passada, e, sobretudo mais tarde, fazem ressuscitar á nossa mentalidade êsses dias amigavelmente passados, com harmonia e em convívio fraternal.

As tendências destes dias nunca esquecem!...

Ficam gravados a letras d'ouro no nosso coração, para que nos dê força e alento ao atravessarmos as vicissitudes da vida.

O dia 1 de julho despontara alegre e festivo.

Os raios do Sol, brilhantes como diademas, atravessaram num realce a vasta serra, aquecendo todos os corpos que da sua luz necessitassem.

Meio dia, o astro rei, agora a meio do seu curso, vestido com as suas melhores vestes, saudava-nos e abençoava-nos.

A Lua fazia-nos transbordar de alegria, como se ela fosse a luz sedenciosa da mulher esfígiaca.

Oito horas! O Sol deixa-nos, escondendo-se, (ou para melhor dizer), afogando-se na penumbra diáfana desse mar menso.

A noite começa agora a aparecer, e passado momentos a escuridão penetra em nós, o morrer tristonho do dia.

São oito e meia, alguém abre uma porta, e, passado alguns instantes, todos nos encontramos numa vasta sala de jantar, com mesas armadas em cruz.

Depois de realçar a minha vista profana sob tudo que se me deparava, eu pude notar:

Era ali, que se realisava o jantar que os meus amigos tiveram a lembrança de me oferecerem, para comemorar mais uma primavera, na minha desditosa e apouquentada mocidade.

Oho em redor, e então, repentinamente desapareceu a escuridão anteriormente sentida.

Luz, muita luz, luz que nos fazia oscilar de alegria.

Sobre a toalha branca como neve, estavam três solitários, dos quais sobressaíam lindas flores.

Como é belo suavisar a nossa alma entre flores!

Olhei-as, e reparei que todas elas eram as flores de marlúrio e de revolta, de saudade e de desespêro; que todas elas, compunham, no rendilhado das suas pétalas, a tonalidade imacula do sacrificio, da bondade ou da embriaguez ululante, da labered que retumba.

Mas, estas minhas observações foram cortadas pela entrada na sala de uma mulher, que penetrou em nós uma anciedade imponderável.

Era a criada de mesa, que dava principio ao jantar

A's nove horas já todos comiam com grande satisfação.

A mesa era composta por: Car-

Honra á Oliveirinha

A fotografia que hoje publicamos, nesta primeira página do *ECOS DE CACIA*, é a do nosso prezado amigo e solicito correspondente em Oliveirinha, sr. António Figueira Tomaz Maio, antigo aluno do Liceu de Aveiro e irmão do nosso distinto colaborador, sr. Manuel Figueira Tomaz Maio, empregado nos Escritórios da Companhia dos Caminhos de Ferro da Beira Alta, na Figueira da Foz, filhos do abastado proprietário, sr. João Figueira Maio, também nosso estimado amigo.

Tanto o nosso referido correspondente e colaborador, como a restante familia dos mesmos, gozam de geral simpatia e consideração, pois são pessoas educadas e honestas, predicados êstes que os torna bem conhecidos e merecedores do conceito e simpatia que os seus conterrâneos lhes tributam, bem como todos aquêles que com êles convivem e tratam.

Mas, ao mesmo tempo que temos para com êstes nossos amigos estas palavras de inteira justiça, em que pretendemos patentear o nosso reconhecimento pela sua apreciável e valiosa colaboração, é também nosso propósito dissertarmos, neste pequeno e modesto artigo, sobre a importância e necessidades da ridente e laboriosa terra da Oliveirinha, que dista cinco quilómetros do seu distrito e concelho—Aveiro—e que é servida, a pouco mais de dois mil metros de distancia, pelos caminhos de ferro da C. P. e do Vale de Vouga, respectivamente em Quintans e em Eixo.

A Oliveirinha, séde duma extensa freguesia, composta pelos lugares de Granja de Baixo, Granja de Cima, Moita, Costa do Valado e Quintans, é, sem dúvida, um dos mais importantes, senão o mais importante dos centros agrícolas do nosso distrito e concelho de Aveiro, e tem duas feiras bastante concorridos, que se realizam em todos os dias 7 e 21 de cada mês e onde se efectuam muitas e variadas transacções comerciais.

Ela exporta, anualmente, para o Porto e para outras cidades do nosso país, centenas e centenas de vagons de batatas, porque a plantação destes tubérculos, que são o pão dos pobres,

é feita ali em larga escala, dispendendo-se com esta cultura mais de mil contos por ano e dando-se trabalho a muitas pessoas dali e dos lugares seus vizinhos.

A Oliveirinha é, pois, como se vê, muito fértil e nela se produz toda a qualidade de legumes e cereais, com que os seus produtores abastecem os mercados de Aveiro, Eixo, Albergaria-a-Velha, Águeda e outros, sendo só para lamentar que as entidades administrativas não tenham olhado para ela com aquêles desvelo e interesse que da parte dos seus habitantes seria para desejar, pois as suas estradas, principalmente as camarárias, são, no inverno, um nunca acabar de covas e de lama, que, no pino do e-tio, quando sopra mais rijamente o vento Suro ou há nortadas fortes, se converte em verdadeiras nuvens de poeira, que fustigam a cara e cegam aquêles que por elas têm necessidade de transitar.

Mas, a par deste estado de coisas e outras necessidades mais que nos abstemos de citar, nós sabemos, através das correspondências insertas neste periódico, que a vinda da luz eléctrica para a Oliveirinha será, dentro em breve, um facto consumado, dada a boa vontade que anima a Junta daquela freguesia e o apóio moral e auxílio material de alguns dos seus habitantes, pelo que hoje aqui prestamos honra á Oliveirinha e aos seus briosos filhos que, num gesto a todos os títulos simpático e nobilitante, pugnam pelo progresso a que sua terra tem incontestável direito.

Agora, para terminarmos as nossas considerações, dizemos que este singelo artigo, assim confeccionado, só tem como objectivo os sermos úteis ás justas aspirações do laborioso povo da Oliveirinha, e testemunharmos, publicamente, a nossa indelével gratidão áquele nosso illustre correspondente, bem como a seu irmão e nosso distinto colaborador, sr. Manuel Figueira Tomaz Maio, na certeza, porém, de que êstes nossos prezados amigos continuarão a prestar-nos o auxílio da sua valiosa colaboração nesta vida espinhosa e ingrata, que é, por vezes, o jornalismo.



António Figueira Tomaz Maio
(Nosso correspondente em Oliveirinha)

Jose Marques Damiao

Jantar de Homenagem

los Migueis Picado, Antonino Lano de Almeida, Manuel Alves, Júlio Ferreira da Silva, António José Rodrigues, João Carvalho da Rosa Lima, Mário da Paula Graça, António Andrade, Américo Vicente Ferreira, Severiano Pereira, e o autor destas linhas.

De vez em quando, o jantar era interrompido, porque êste dizia uma chalaça, aque e uma calinada, um ou outro cantava, e assim se chegou ao final animadamente.

Brindaram, Severiano Pereira, que disse, sentir-se bem naquele momento, porque era dia de festa, não só para ele, como para todos os presentes. Bebeu pelo homenagem do, a que desejava a repetição daquele dia e por todos em geral.

Em seguida C. Picado, disse; que sentia grande alegria, pelo valor logicamente amigável daquele jantar.

Bebeu por todos.

Ainda brindaram pelo homenagem. A. L. de Almeida, Manuel Alves, Paula graça e A. J. Rodrigues.

Depois foi o homenageado, que se levantou e disse:

Sino-me imensamente satisfeito, pela maneira cativante como vieram a esta homenagem.

O jantar de hoje estreita mais a amizade que em nós existia, não só, pelo motivo significativo deste dia, como tambem pelo decorrer do tempo. eu não posso deixar de vos saudar e agradecer.

Já na minha juventude, tinha destas festas comemorativas, e, a todas elas, trago preso um pouco do meu pensamento.

Agora, na minha desditosa mocidade, elas me sorriem novamente, mas com maior elevação de grandiosidade.

Hoje, que tenho o meu espirito mais desenvolvido, estou apto para sustentar os mais rudes embates da vida, seguindo, uma das mais belas triologias, daquelas em que, como Juiz a nossa propria consciencia.

Essa minha triologia, confundese no mesmo ideal—Liberdade, Igualdade e Fraternidade.

A Liberdade, que me conduzirá á felicidade.

A Igualdade, que me conduzirá á justiça.

A Fraternidade que me conduzirá á virtude.

Mas, para que este meu ideal possa ascender, sem precipicio algum, é necessario que tenha um archote que me alumie o cérebro—A Moral.

Portanto é moralmente que termino estas minhas palavras, palavras simples, singelas, sóbrias, mas grandes pela sinceridade com que são ditas.

A vós devo, enfim, estas quatro horas, passadas em camaradagem, e peço que nas horas amargas do destino, se lembrem destes dias, ou elas sejam o ponto culminante para vos esquecer.

A V. Ferreira, cantou alguns trechos de ópera francesa, sendo muito saudado, pela sua magestosa apresentação.

A. J. Rodrigues, Pala Graça, J. Castalho cantaram lindos tre-

Continúa na 4.ª pág.ª

Diabruras dum "Garoto,"

Bem seguro pela gola do casaco apresenta-se à execração pública

O "XORNALISTA" DE SARRAZOLA

"Cesteiro que faz um cesto faz um cento, dando-lhe vime e tempo"—é da "Sabedoria dos Povos." Mas, no caso que se vai focar, o tratante não teve tempo para fazer o consagrado cento... de cestos. A *mí-lingua*, que, nestas emergências, e tem direito ao epíteto de boa, apanhou o ladrão a meio da obra; eis porque o roubo não tomou maiores proporções. Limitou-se a umas *gaguices*: **EMPATE DE 2 ANOS NA PRESTAÇÃO DE CONTAS, NEGAÇÃO DAS LISTAS**, para o caso não ser suficientemente debatido e esclarecido, e a uns **TRISTES EXPEDIENTES E CONTAS MISTERIOSAS** como a liante se vai ver.

Isto, porque não o deixaram consumir, na sua totalidade, o roubo hábilmente premeditado. Tudo quanto aqui se afirma, **PROVA-SE.**

Somos de um outro estôfo moral. Somos altos de mais para consentirmos comparações. Altos em todos os sentidos:—em Moral, em Instrução, em Educação, em Linhagem. Éra o que nos faltava medir-nos pelo "Garoto de Sarrazola!"

A tanto não descereamos. E, se apontamos estes factos, é simplesmente em atenção ao Público ansioso por ficar desagravado dos coices desse imbecil analfabeto que tem vindo pretendendo atacar, a sôdo de quem devia ser mais *bairrista* e honesto, as pessoas de maior relevo moral e intelectual nesta benlita Terra de Cacia. De contrário, o canudo de Sarrazola não nos interessaria, os distates do seu "dono" e tipógrafo, a sua petulância, não teriam o condão de nos fazer sorrir sequer. E isto porque passam anos sem ouvirmos os latidos da canzoada que se acoitou na viela do Tomé João...

Simplesmente, pois, por atenção ao Público de Cacia, viemos a terreiro.

Não, por mais nada. O "Garoto de Sarrazola" é um imbecil, e nada mais.

E tão imbecil é que tem o descaramento de apontar *erros* ao Damião, quando, afinal, se fôrmos a *analsar*, ainda que de relance, o que ele rabisca, não encontramos *ponta de português*.

Aquilo é um dialecto paideiral.

Por isto, não há ninguém culto nesta Terra que lhe assine o jornalco.

At'ntal beu na expasão que tem aquiêl jornal que devia ter o nome de "Vergo-

nha de Sarrazola":—em Sarrazola, terra onde vê a luz da publicidade, 2 assinantes; em Cacia, a coisa não vai além de 4; e, pelo país fora, quem lho assina é porque não vê mais, coitado, ou, porque, então, deseja saber sempre quem na sua Terra se casa; morre; nasce; quais os rapazes que partem para o Estrangeiro e os que regressam; enfim, as notícias miúdas.

Porque aquilo é, em resumo, uma autêntica porcaria. E nada mais.

E diz aquêl imbecil que no seu jornal colabora gente com cursos!!! Há muitas espécies de cursos, homenzinho: às enxurradas dos tempos das chuvas também cursos podemos chamar, ainda que de lama e detritos sejam constituídas.

Falamos, pois, apenas para o Público da freguesia de Cacia.

A esse "Garoto" não lhe damos importância, porque é um recorrente.

O que aqui se diz e afirma, **PROVA-SE.**

Não somos da *laia* desse malandrim que tem sido desmascarado tôjas as vezes que bate com a língua nos dentes.

A prova da sua última infâmia está bem patente na *acta da Reunião, realizada há dias, para desagravo do Ex.º Professor A. Pinto Júnior.*

Naquela reunião o "Garoto de Sarrazola" ficou enterrado num lameiro, não obstante a sua alma abjecta nunca ter conhecido um ambiente puro e sadio. Sim!

Há que lhe apontarmos as mazelas; vergastá-lo, para ganhar juízo.

E ou êle g'nta juízo, ou dá um estoiro. Um estoiro formidável.

Restar-nos-á, depois e a todos, fechar as narinas. Então é que aos moradores da viela aonde mora o "Garoto" assiste o direito de reclamar junto do sr. Sub Delegado de Saúde, porque o fedôr há-de ser insuportável.

Ele, agora, já cheira tam mal...

Mas vamos ao assunto deste artigo.

Em face das contas que o "Garoto de Sarrazola" apresentou, muito há que dizer.

Sobre as suas intenções—intenções bem postas a claro durante dois anos—não restam dúvidas:—O "Garoto" queria ficar com a massinha que os outros deram.

Se não cometeu esse crime, foi porque o "Grupo Musical Caciense", vendo-se roubado, fêz aprovar os seus "Estatutos", a-fim-de, judicialmente, poder de mandar o ladrão confesso.

Que de paliativos se serviu durante dois anos o "Garoto de Sarrazola", para não dar o dinheiro?!... Agora, oferecia uma letra com a sua assinatura (vale muito um documento com o nome daquêl pedinte!), para mais tarde dizer, quando instado, novamente, a dar o dinheiro e prestar contas, estar ainda à espera de novas listas.

Debalde, pois, durante meses seguidos, os dirigentes do "Grupo Musical Caciense", exigiram as listas e os dinheiros dessa subscrição.

O "Garoto de Sarrazola" respondeu sempre a tais pedidos com duas pedras na mão. Duma vez até teve o arrojo de afirmar que não reconhecia autoridade na Direcção do "G. M. C." para receber aquêl dinheiro.

Enfim, coisas do "Garoto"!... E o "melro" na bicicleta, a gozar-lhe, a gozar-lhe... E o "Grupo" a precisar da *massinha*... e a necessitar de pôr a sua vida em ordem!...

Eis porque—agora ficam todos sabendo—houve tanta pressa na aprovação dos Estatutos.

Na verdade, não havia outra forma de solucionar o caso. Uma vez o "Grupo" constituído legalmente o "homenzinho" não teria remédio senão restituir a carteira.

E de facto assim aconteceu. A Direcção do "Grupo Musical Caciense" sabe disto tam bém como nós. Sabe-o até melhor.

O homenzinho brincou, brincou, brincou; brincou com a Direcção do "Grupo", com os encarregados das listas, com o povo, em suma, da nossa Terra!—por que estava convencido de que o "Grupo" nunca teria um "Estatuto", e morreria, ingloriamente como o "Grupo Dramático Caciense", do qual ficou com o espólio.

Mas não; não aconteceu assim, felizmente. E o "homenzinho" não teve outro remedio senão dar o que lhe tinham confiado.

Enfim, adiante. Apanhado de surpresa lá governou a vida conforme pôde e tapou um buraco...

Mas um outro, o buraco rôto na sua consciência, não o conseguirá "êle" jámais tapar. Tapou um buraco, é certo,

mas partiu o nariz na ombreira da porta, de tonto que vinha de tanta maroteira ter feito.

Tapou um buraco é certo, mas a consciência pôz-lhe diante dos olhos uma taboleta pintada de negro.

E se o "Garoto de Sarrazola" deseja saber onde e como, ser-lhe-á apontado com tôda a clareza e lealdade, nas ditas contas, a falsa verba, o ponto onde caíu um pedaço da lama de que é feita a sua alma, o tal buraquinho misterioso por onde se espreita a sua consciência em farrapos.

Olé! Ele lá está bem à vista nas continhas de saco... que apresentou!

—E agora, "Garoto de Sarrazola"?

—Dize lá: Que número terá na escala de teus crimes mais esta nojenta falcatrua?

Elas são já tantas...

Posta a questão nestes termos, re-ta-nos pedir desculpa a quem nos tem vindo seguindo nesta defe a acalorada, majestada dos interesses do "Grupo Musical Caciense".

A fala da Verdade é esta. A Verdade não usa meia-tinta; nem necessita de rodeios e de palavras sem vida, de figuras de retórica e floridos quantas vese grotescos, para ser compreendida.

Ergue-se, à vista de tôda a gente, com desasombro, com altivez; porque é a Verdade, porque tem por seu lado a Justiça.

Nos outros dois artigos que nos restam escrever sobre êste caso, não usaremos doutra linguagem, doutra atitude.

Concretizando o ataque feito nê te artigo ao "Garoto de Sarrazola", fixemos:

ACUSA-SE o "Garoto" de apresentar umas contas bastante confusas.

De as prestar tarde, prejudicando, assim, os interesses do Grupo; e de certas verbas da "despe-a" não corresponderem à Verdade.

Aos Assinantes

Para regularização dos nossos serviços administrativos, lembramos aos nossos estimáveis assinantes que as suas assinaturas deviam ser pagas adiantadamente, como é da praxe de todos os nossos colegas, o que não temos feito.

IPOGRAFIA CACIENSE

Executa todos os trabalhos, a preços reduzidos.

Francisco da Silva Forte

Forte no sortido e fraco nos preços

150, R. Patrocinio, 152 e R. Saraiva Carvalho, 129 **Lisboa**

Telefone n.º 2.971

Aos assinantes

O "Ecos de Cacia" previne todos os seus amigos, leitores, assinantes e colaboradores de que só precisa mais um assinante.

Arrumar uma assinatura, é dar uma prova de dedicação a este jornal.

PADARIA

Passa-se Pa laria e Merceria com 90 Kilos de casedura, e casa de habitação, em b m local e proximo de uma Praia.

Motivo o seu proprietario não poder esiar ha testado negocio Nesta redacção se dão todos os esclarecimentos.

Trespasse se

Trespasse-se na Gafanha da Nazaré, em frente à Igreja, um talho e taberna. Em boas condições, local correute, e o motivo de retirada é por falta de saude dos proprietarios.

Pode-se tambem alugar separadamente o talho da taberna.

O talho fica na mesma, a fornecer outros, que estão no seu alcance. Para tratar com Joaquim de Pinho Vinagre.

(2) **GAFANHIA**

TALHO N.º 55
DE
Manuel Lourenço
Carnes de vaca, vitela, carneiro e porco
ESPECIALIDADE EM FARINHEIRAS, MORCELAS,
CHOURIÇOS DE SANGUE E CARNES FUMADAS
VENDAS POR GROSSO E MIUDO
197, Rua dos Remedios, 197-A **LISBOA**

Perferiros produtos portugueses, é garantir o trabalho ao desemprego

VEJAM A 4.ª PAGINA

COMUNICADO

Ex.^{mo} Sr. Director do jornal «Ecos de Cacia»

Peço a V. se digno publicar nas colunas do vosso conceituado jornal, este pequeno arrazoado que abaixo transcrevo, o que desde já lhe fico muito grato.

Em o «Ecos de Cacia» n.º 151 publicado em 1 de Julho, appareceu em resposta a uma carta que enviei ao dito jornal, a qual foi publicada em o n.º 150 de Junho, um comunicado se comunicado a isso se pode chamar, com o titulo «Sem pés nem cabeça assinado por António Simões da C. Junior e João Simões da Cunha industriais de padaria estabelecidos em Setubal.

Tornar a responder a estes cavalheiros, é com franqueza, dar-lhes importancia demais, mas como o seu comunicado vem completamente sem cabeça nem pés por ser uma grande confusão em todos os pontos que os ditos cavalheiros tocam, eis que novamente me vejo na contingencia de lançar mão da pena para os aclarar.

Comecam esses cavalheiros por dizerem, que a minha carta era uma completa «sugreira».

Ora confranqueza!... Palavras como estas, são os chamados *calões* palavras que só são pronunciadas por individuos da mais baixa esfera social, e não por individuos que tem ou deviam ter uma certa educação, e mais a mais ditas num jornal que muita gente lê.

No que diz respeito às contas, é muito verdade que fui eu e meus dois irmãos que assistimos às mesmas, mas é falso eu não estar empregado em Santarém como esses individuos afirmam, e sobre as contas serem feitas sem um centavo sequer de falta, também não é bem assim. Eu conto:

Quando o meu irmão Ernesto Fernandes da Silva, tomou conta da venda duma das padarias desses senhores, fize-me dito que os fiados eram por conta da casa, póto que os ditos fiados lhe foram entregues por um outro empregado que foi substituído por meu irmão.

O sr. António Simões Junior, todos os dias que meu irmão regressava da venda abatia os fiados, quer dizer: Meu irmão citava o nome dos individuos e quantidade de pães que tinha vendido nos mesmos sem ter recebido o dinheiro da importancia da venda, e o patrão por sua vez fazia os lançamentos ao livro da casa, isto todos os dias, e depois quando meu irmão recebia algum dinheiro desses fiados, imediatamente participava ao patrão: Estando pagou-me tanto e esse senhor depois fazia o abatimento.

Mais tarde porem, o mesmo senhor começou por dizer, que abater os fiados todos os dias dava muito trabalho, dizendo que os patrões não eram individuos de quem se desconfiasse, e portanto os fiados depois se abatiam. Eu vi nisso uma grande habilidade! Como meu irmão tivesse vontade de ir á terra passar o dia de Pascoa com a familia, foi-lhe então feitas as contas, primeiro porque meu irmão tinha falta de dinheiro e segundo porque ao regressar a Setubal, iria trabalhar para outra padaria.

Nesta occasião estava eu em Santarém como o pó-so provar, e sabendo que iam ser feitas as contas a meu irmão via propoetadamente a Setubal para assistir ás mesmas. Ao serem apresentadas as ditas contas, fiquei deveras surpreendido, ao ver que do ordenado de meu irmão, eram descontados não todos nas partes dos fiados que eram de inteira responsabilidade da casa como acima exponho. Eu apresentei o meu descontentamento, quanto á forma como meu irmão tinha que pagar uma importancia que só á casa dizia respeito, reforçando

ainda mais a minha opinião, que esse individuo quando disse a meu irmão que não valia a pena abater os fiados todos os dias, isso era feito com fins reservados, o que se provou.

Esse individuo valen-se de mil desculpas, dizendo que a casa não podia perder, que o contrato não tinha sido esse etc. etc.

No fundo, o prejudicado foi meu irmão, que teve de pagar uma importancia que não lhe pertencia pagar. São portanto falsas as afirmações desses cavalheiros, em dizerem que eu não estava em Santarém, e que as contas tinham sido feitas sem um centavo sequer de falta.

Dizem também os citados cavalheiros, que se de facto eu fui roubado em 300\$00 nada tinham com isso, nem tão pouco me tinham que dar qualquer indemnização. Ora isto é o cúmulo!... Então esses cavalheiros, não sabem de certeza que me foram furtados os 300\$00?

Não foram estes cavalheiros, que me aconselharam a que não me queixasse ás autoridades, porque por quantia tão insignificante não valia a pena queixar-me? Com que intenção? Descouheço!

Sobre a indemnização, eu também não a exigí, mas o que é muito verdade é que eu, se paguei os 300\$00 foi porque os quis pagar! Foi porque talvez quizesse ser mais sério do que esses cavalheiros. Foi a propria autoridade a quem me queixei, que me aconselhou a não pagar, e demais que o roubo tinha sido cometido na sua propria casa e devia ser esses individuos os primeiros a queixarem-se, o que não fizeram. Dizem mais esses senhores, que eu tinha ido rebater uma venda que muito dinheiro tinha custado á casa, e me tinha apossado do que não era meu.

No que diz respeito, a me apossar do que não era meu, é preciso muito cuidado com isso.

É muito verdade que eu tomei conta dessa venda, mas também é muito verdade que eu fui servir unica e simplesmente os freguezes que eu tinha adquirido durante o tempo que estive empregado nessa casa, e não os freguezes que realmente pertenciam á casa.

Tambem dizem que isto revela as consciencias, e que ainda por cima desta malandrice, eu ia dormir a uma padaria da sua firma. Sobre consciencia, com certeza que esses cavalheiros se esqueceram do ditado que diz: «A consciencia era verde veio o burro e comeu-a», com certeza que se esqueceram, porque eu não se tivessem esquecido, não tinham feito o que fizeram tanto comigo como com meu irmão, porque ações destas só são praticadas por individuos que não tem consciencia.

Isso é tudo quanto há mais falho de verdade. Eu ia dormir a uma padaria, mas essa padaria nada tinha com as padarias da sua firma, porque se tivesse, eu tinha a compreensão suficiente, para nem passar á porta quanto mais eu lá dormir. Sobre as razões que levaram esses cavalheiros a despedirem meu irmão dizem os mesmos que as tinham de sobra, pois eu digo: que o motivo do seu despedimento foi simplesmente a vingança e nada mais. Eis portanto os pontos nos i i. Vamos a ver se desta vez, este pequeno arrazoado, é escrito não *Com pés e cabeça*, mas sim pelo menos com uma causa ou outra.

Esperando que V. sr. Director, tome na devida conta este meu pedido, sou a desejar-lhe. Saude e Fraternidade.

Setubal 6 de Julho de 1933

João Fernandes da Silva

O «Ecos» em Estarreja

ENLACE MATRIMONIAL

Realiza-se brevemente o enlace matrimonial do sr. Avelino da Costa Mortágua com a menina Clotilde Pinto de Souza.

DOENTE

Tem-se encontrado bastante doente o nosso amigo Sr. Guilherme Marques da Silva, digno Escrivão das Execuções fiscaes da Fazenda Pública.

Desejamos as rápidas melhoras.

DESPORTO

FOOT-BALL

O Sr. Cesar de Matos, cronista desportivo do «Ecos de Cacia», deve ser mais imparcial nas suas noticias.

Quando nos visitou o Club dos Galitos, de Aveiro, que perderam com o Estarreja S. C., o Sr. Cesar de Matos, para atenuar a derrota do Club da sua terra, disse que foi as reservas que jogaram, quando isso é menos verdadeiro.

Passados dias o Club dos Galitos foi á vila da Murtosa e porque ganhasse por pouca diferença o Sr. Cesar teve o arrôjo de noticiar que os Galitos se encontravam desfalcados quando isso também não é verdade, porque os proprios directôres do Club, Aveirense, assim o desmentiram.

Tenha o Sr. Cesar paciência e para a outra vez seja mais verdadeiro.

Estarreja, 11-7-1933.

Alvaro P. Souza.

Carta de Angeja

FALECIMENTO

Após um longo sofrimento, faleceu aqui com 36 anos de idade a sr.^a Ana Pereira da Silva.

O seu funeral que teve lugar no dia seguinte, para o cemiterio desta freguesia foi uma verdadeira homenagem de pesar, pois que no mesmo encorporaram-se desênas e dezenas de Angejenses, de todas as categorias sociais.

Conduziu a chave do ataúde o sr. Eduardo de Almeida Souto, e as salvas os srs. Domingos Ferreira e Henrique N. Souto, fizeram-se alguns turnos todos êles pelas pessoas visinhas da extinta.

Foram oferecidas 5 lindíssimas corôas de flôres artificiais com as seguintes dedicatorias.

Recordação eterna de seu marido.

Ultimos Beijos de seus queridos Filhos.

Saudades sinceras de seu mano Manuel Alves da Silva

Sentidas lagrimas de seus pais.

Ultima recordação de Maria Nogueira de Pinho

A falecida deixa mergulhado na viuvez o sr. João P. Mendonça, e na orfandade 4 tenras criancinhas.

A toda a familia em crêpes, aqui lhes apresentamos o nosso cartão de sentidas condolências.

CABINA TELEFÓNICA

Estão-se ultimando os trabalhos para a montagem da Cabina Telefonica de Angeja.

Bem vinda seja pois, porque é um dos melhoramentos que há, muito tempo se fazia sentir nesta pacata e laboriosa terra.

A VEDAÇÃO DA PRAÇA

Igualmente se estão ultimando os trabalhos na vedação da Praça de Angeja, a qual é feita em cimento armado.

NOVO BEBEDOURO

Tambem já está pronto o novo bebedouro do gado, que fize-

LUZ ELECTRICA EM CACIA

CONVITE

Desempenhando-nos das funções de que fomos incumbidos pela Comissão Central, convidamos por êste meio, todos os nossos conterrâneos residentes em Lisboa e arrabaldes, a comparecer no dia 30 do corrente pelas 10 horas na Rua Sousa Martins, 5 3.º Dr.º, afim de se tratar da melhor forma de contribuir para a rápida execução dêsse grande melhoramento que é a Luz electrica na freguesia de CACIA.

Lisboa, 18 de Julho de 1933

Pela Sub-Comissão em Lisboa

Manuel Domingues Nina

DE TABOEIRA

ESTADAS

Encontra-se aqui com sua dedicada esposa e filhos, vindos de Lisboa onde são grandes industriais de Panificação o nosso estimado Taboeirense sr. João Nunes Crespo.

Este nosso conterrâneo tenciona passar a época calmosa na sua linda habitação dêsse lugar.

Por entremedia do «Ecos de Cacia» aqui lhes apresentamos as nossas boas vindas. — Dizem-nos que para assistir á festa da St.^a Maria Madalena, estão para chegar de diversas localidades muitos dos nossos conterrâneos, entre êstes conta-se com a vinda de Lisboa, onde é empregado superior na Panificação, a do nosso bom amigo sr. Manuel Marques Nunes, que se fará acompanhar de sua dedicada esposa.

Que seja bem vindo.

AS RUAS

Tem andado em devida reparação todas as valetas das ruas, cuja limpeza se fazia sentir de há muito tempo.

Oraças aos grandes esforços que alguém tem empregado no embelezamento deste lugar.

Correspondente

Carta de Vilarinho

ESTADA

Com destino a Lisboa, retirou-se no dia 9 p. o nosso amigo sr. José António dos Santos, o qual levou na sua companhia um dos seus primos.

Estes nossos amigos que sejam felizes, são os nossos ardentes desejos.

BANHO NO VOUGA

Quasi todos as noites vão grandes quantidades de meninas cá do burgo tomar o seu banho ao rio Vouga.

Algumas delas bem necessitam disso, pois que segundo n.º s informam até levavam grandes pedaços de sabão.

Arre, que tal é ele.

Não admira, pois que algumas casas, só são lavadas pela Pascoa quando o sr. padre vem ás mesmas...

Observador.

Este numero foi visado pela Censura

Ecos de Cacia

Jantar de Homenagem

Continuação da 1.ª pagina

chos do Rancho da Mocidade etc.

Uma hora da madrugada!... todos se dirigem para o vasto salão S. Domingos, onde ao som dum magestoso jazz, dançámos animadamente.

Mas, de repente, ecoou aos nossos ouvidos outro som melodioso, que indicava nova festa.

Indagámos e soubemos ser no salão Largo da Estação.

Para final desta festa, tivemos o desejado passeio noturno pela cidade encantadora ria. E esse passeio, foi que nos deliciau o cérebro mais condignamente, não só pela paisagem deambulante que a ria nos oferecia, como também, pela f.escura da noite.

Não é fácil descrever este passeio, porque nele se passaram os momentos mais arquitectónicos da minha vida.

Mas, escraveré apenas, uma pequena noção do que se passou.

O barco desliza, mansamente, pelas águas serenas, dando-nos a entender, que devaneavamos as delicias desse grande rio francês, que atravessa a encantadora cidade de Veneza.

Paramos no Hotel Piramidal, onde, com a vista fixa nas grandes pirâmides que nos pareciam as célebres pirâmides do Egipto, dançámos e cantámos alegremente.

A. L. de Almeida cantou o fado «Nãc cantes mais, porque não quero».

A. V. Ferreira - «O Barro da menina».

M. Alves - «Porque é burro».

A. J. Rodrigues - «O que que res é Chico».

X... E' boi, é boi, é boi...

Repentinamente, eis o espanto nosso, o Sol, o solteirão, no nascente, com todo o seu esplendor, já se mostrava repleto de fulgores, derrainando sobre a terra e na azulada abobada celeste, a sua luz encantadora.

E a devéras magestoso o quadro que nos dava a Natureza naquela manhã!

E quando o Sol nos aquecia o cérebro, é que demos por terminada esta festa que ficara vincada com saudade e recordações, nos corações de todos nós.

Era ut etre supra

Não podemos esquecer a maneira como fomos servidos, na antiga casa Luiz da Costa, acima referida.

De tudo nos fica a recordação sem nunca a podermos olvidar.

Aveiro, 2-7-833

Costa Pinto.

Armenio da S. Godinho

A passar umas semanas na sua linda vivênda de Cacia, e na companhia de todos os seus familiares, encontram-se ali, vindos de Setúbal onde são industriais de Panificação há muitos anos, o nosso estimado assinante e infimo amigo sr. Armenio da Silva Godinho, sua dedicada esposa e filho.

Para este nosso conterrâneo, vão os nossos mais sinceros cumprimentos de umas boas vindas, fazendo ardentes votos para que encontrasse tudo como seria de seu desejo.

LUZ ELECTRICA

A Todos os Conterraneos

O nosso jornal sente-se ufano ao vêr que a população da sua terra se interessa e se movimenta para resolver o magno problema da luz electrica, que há tanto tempo se fazia sentir como falta importante da sua vida e do seu progresso.

A luz electrica é pois considerada uma das principais particulas do avanço dos povos, não só nas suas industrias e comércio, como também em todas as outras actividades publicas e particu ares.

E sendo Cacia uma das freguesias mais importantes do concelho de Aveiro, desprim-rô o seria se lhe não fôsse dado esse importantissimo melhoramento que de há muito tempo a esta parte vimos reclamndo, desde que tantas e tantas outras localidades de somênos importância teem já de há muito a instalação pública da luz electrica, beneficio esse que as eleva ao progressivo peritô que, também, a nossa querida terra tem o contestável direito e jus.

Ainda bem que um pequeno núcleo de distintos e dedicados filhos e amigos desta decantada e progressiva Cacia trabalham com afinco para levar a cabo esta almejada obra citada, a qual já fez despertar todos os nossos estimaveis conterraneos que, bem longe do berço natal, estamos certos que nunca negam o seu valioso concurso para o engrandecimento da nossa mã patria, pois que decerto todos os cacienses teem o maximo

interesse de vê-la melhorada e com alguns confortos dignos das belezas que a natureza dopiou Cacia.

A frente desse núcleo destaca-se a figura, cheia de prestigio e bondade, do illustre caciense sr. Con-selheiro Nunes da Silva, que mais uma vez mostrou quanto ama e desja a este lindo rincão do Vouga, e assim chamou á liza li mens valerosos que a seu lado da melhor e boa ventade estão a trabalhar em prol deste importante melhoramento, que ha-de marcar na futura história da nossa terra como o inicio de uma vida nova, e como guia ao progresso do mais florescente distrito de Portugal.

A comissão de melhoramentos, como já tivemos occasião de dizer, trabalha pois, e já conta com uma soma valiosa que muito a ama, além de outros importantes donativos que de diversos pontos do Paiz e fora deste, se estão angariando para o mesmo fim. Mas é necessário que nenhum filho de Cacia, ou quem a Cacia tenha ligado os seus interesses, deixe de contribuir para as subscrições, pois que assim será demonstrado o amor que se dedica á terra onde nascemos ou onde os nossos filhos nasceram. E por isso estamos convencidos que nenhum dos nossos conterraneos deixará de cumprir este sagrado dever a favor do desenvolvimento de Cacia.

Avante pois, pela luz electrica.

JOSE MARQUES DAMIAO

Casa Pia de Lisboa

Passou o 153.º anniversario da fundação deste benemérito e modelar estabelecimento de educação e ensino, no pretérito dia 3 do corrente.

Pelas 16 horas, chegaram as entidades officiais, que foram recebidos pelos srs. Luiz Borges Soares S. da Câmara, Leme e Silvestre da Silva, respectivamente, directores da Casa Pia, aguardando-as uma guarda de honra de 200 alunos e a banda de musica, que executou o hino nacional, e fez-se acompanhar, todo o corpo docente da Casa Pia.

Visitaram diversas dependencias do edificio, entre as quais o refeitório velho, onde estavam expostos lindos trabalhos de bordados feitos pelas alunas surdas-mudas, executados sob a regência da sua professora sr.ª D. Maria Carlota Castro Dias e de outras professoras, e a escola-officina de marcenari de surdos-mudos, onde se apreciavam interessantes trabalhos em mobiliario de estilo antigo, que, pelo seu perfeito acabamento, bem mere-

rece os nossos aplausos o digno mestre sr. António Pio Rodrigues.

Tambem cansaram interesse, nas anlas de surdo-mudos os trabalhos de desenho e os cadernos de leitura, merecendo especial atenção os da aula do nosso querido amigo sr. professor Sousa Carvalho, que deixaram plenamente satisfeita a assistencia.

Depois seguiram para as officinas de pintura e carpintaria, onde tambem estavam expostos trabalhos feitos pelos alunos e que eram dignos de admiração, sendo muito complimentados os seus mestres srs. Alexandre Lima e J. Gomes; como mereciam iguais aplausos os objectos expostos na officina de manufatura de calçado, tais como sapatinhos em miniatura que só a habilidade e a paciência dos alunos podiam dar, sob a direcção do mestre sr. A. Julio M. Pedro.

Em seguida visitaram as dependencias da nova lavandaria mecânica, onde ex^{as} se demoraram mais tempo para assistir ao funcionamento das máquinas de lavar roupa, engomar, etc., que são invento-

do mestre de officina de serralharia, sr. Carlos São Marcos, e foram executadas exclusivamente pelos alunos com o auxilio dos ajudantes da officina, que é um trabalho muito de apreciar e a qual se deve á boa vontade de todos os operários e alunos que trabalharam afincadamente para que resultasse mais economico do que se se tivesse de mandar fazer no estrangeiro, demonstrando assim que na Casa Pia de Lisboa, em matéria de serralharia mecânica, muito se tem progredido.

Quando as entidades officiais retiraram, os alunos acclamaram-nas com uma vibrante salva de palmas, acompanhados por toda a assistencia e professores.

E com esta nossa visita, podemos dizer que a Casa Pia de Lisboa continua sendo o modelar estabelecimento de educação, que tantos homens de bem, de trabalho de intelligencia, tem preparado para a vida da nação!

Pavões

Ven-te se um casa! Nesta Relacção se diz.

Declaração de amor

A UMA MENINA DE CACIA

(Oferecido ao meu amigo Anibal Cruz, nosso distincto redactor principal.)

Meiga donzela, que nascer fizeste Dentro em meu peito o casto amor porti; Virgem formosa, dum olhar celeste, Virgem mais bela que no mundo vil...

Por piedade, minha pomba querida, Terna motora dos martirios meus, Dá-me um sorriso que me dê a vida, Uma palavra que me mostre os céus...

Já mais se esconde a tua luz tão bela, Formosa estrela do meu puro céu... Ail que se um dia te não vejo para Direi:— Ventura para mim morreu.

Ei te procuro quando o Sol nos foge... Ainda hoje namorar-te vim. Quando te vejo cintilar, ó querida, Esqueço a vida neste enlevo assim...

Esqueço tudo quanto a terra tem De mal, de bem, de rigosijo e dor... Deixar ao mundo essa ambição que arrasta Porque a mim só basta o teu feliz amor.

Mas seim dia a vista, procurando espaço Não visse um traço na tua luz tão linda, Perdia tudo, que prazer me daria, Por ti chamava com sandade infanda!...

Lx.ª 25-6-933.

A. Lima.

Carlos Duarte

Encontra-se já desde a ultima semana no convívio dos seus numerosos amigos, depois de alguns mezes estar internado no hospital, o nosso prezado amigo sr. Carlos Duarte, de Lisboa, a quem enviamos um abraço com os votos do seu pronto restabelecimento.

Pobres diabos...

Chegam até nós os ecos da má-língua de certos pobres diabos que, em Lisboa, não tendo que fazer, se entreteem a lavar a roupa suja dos amigos... sincerros.

Carta de Coimbra

CONSORCIO

Dizem-nos que está para breve o enlace matrimonial do nosso intimo amigo sr. José da Silva Samartinho, com a sua prima e muito prêndada menina Emilia da Silva Tavares, ambos estes naturais da encantadora Alameda.

A ser verdadeira, desde já lhes endereçamos o desejo de um futuro risonho e cheio de todas as felicidades.

Assinante 297

Jornais, facturas, prospectos, recibos, etc.

QUINTA CACIA

Tipografia Caciense

Pedimos a finêsa aos nossos assinantes de mandarem, satisfazer as suas assinaturas, pois o «Ecos de Cacia» apenas vive delas, finêsa essa que, des: j, muito agradeçamos.